



VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

**NEM SÓ DE TECIDO VIVE A CAPITAL DA SULANCA: O CINEMA
COMO ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE EM SANTA CRUZ
DO CAPIBARIBE – PE**

Flávia Danielly de Siqueira Silva*

1

O presente trabalho analisa os aspectos relacionados às salas de cinema de Santa Cruz do Capibaribe, no período de 1928 a 1984. Interessa-nos compreender de que forma ocorreram as transformações nestes espaços, desde as primeiras projeções mudas no Cine Santa Cruz, para um público ainda tímido, até os recordes de bilheteria alcançados pelo Cine Bandeirante. O estudo visa perceber como a cidade concebeu a chegada do cinema, sentiu sua permanência e geriu o hábito de frequentar esse espaço de lazer e sociabilidade. Dessa forma, analisamos o cinema a partir da concepção Certeauiana, onde os indivíduos frequentemente inventam novos usos para um lugar dotado de imposições, adaptando-os assim ao seu modo. Do ponto de vista metodológico, o estudo foi estruturado principalmente nas técnicas de História oral, transitando a todo o momento entre a “História Oral temática”, a “História de vida”, e as leituras sobre Memória, a fim de elucidar, através de relatos, a importância do espaço dos cinemas para as gerações passadas.

* Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba e mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande, desenvolvendo pesquisa na linha I, Cultura e cidades.

DOS IRMÃOS LUMIÈRE A HOLLYWOOD: ORIGEM E EVOLUÇÃO DO CINEMA

A história do cinema tem início de forma tímida, em 1895, na cidade de Lyon, França, durante o Congresso das Sociedades Fotográficas Francesas, os irmãos Auguste e Louis Lumière pela primeira vez, projetaram um filme animado, chamado: *A chegada do trem na estação*, a plateia, composta por pessoas que trabalhavam com instrumentos óticos e recursos relacionados à fotografia, e que portanto entendiam das “tais” novidades modernas, reagiu com ceticismo, considerando a engenhoca dos irmãos Lumière algo difícil de engrenar. Na primeira sessão anunciada, poucas pessoas compareceram, mas estas foram as responsáveis por descrever com espanto e ao mesmo tempo com fascínio, as imagens projetadas do trem que parecia que em algum momento iria sair da tela e assolar a pequena sala de projeção levando junto quem nela estivesse. Nos dias que se seguiram o salão dos irmãos Lumière lotava de céticos, atraídos pelas descrições fantásticas feitas pelos que já haviam visto as primeiras imagens de um filme.

No Brasil, a novidade do Cinematographo chega quase que instantaneamente, apenas seis meses depois da “estreia” do cinema na Europa, ou seja, no final de 1896. Mas é importante perceber que nesse período o Brasil vivia em situação de incrível atraso tecnológico econômico e político, estávamos ainda arraigados a um sistema escravocrata e um regime político monárquico, só abolidos em 1888 e 1889 respectivamente, éramos essencialmente agrários, e as cidades ainda pouco desenvolvidas. Gomes (1996), escreve sobre a chegada do cinema ao Brasil afirmando que, “*Esse fruto da aceleração do progresso técnico e científico encontrou o Brasil estagnado no subdesenvolvimento.*” O fato é que o país era ainda muito atrasado tecnologicamente para suportar a tal novidade recém chegada da Europa, os problemas com as exhibições eram constantes, mas nem por isso os brasileiros deixaram de deliciar-se com as imagens do moderno, mas por muito tempo as atividades relacionadas ao cinema no país vegetaram, como explica Gomes (1996).

Não se sabe o nome do empresário que trouxe a máquina chamada Omniographo. Sabe-se porém, que as projeções ocorriam numa sala na rua do Ouvidor, o centro cultural do Rio de Janeiro antes da inauguração da Avenida Central e amplamente citada por Machado de Assis em suas obras. A novidade foi comentada

pelos jornais durante três semanas e em poucos anos se tornaria uma das principais atrações das cidades modernas brasileiras.

No Recife, não se sabe com precisão quando a novidade do cinema chega. As primeiras salas de projeção de que se tem notícia, datam do início do século XX, e assim como em outras grandes cidades as projeções ocorriam em lugares improvisados: teatros, festas, velódromos, cafés e casas de diversão. A primeira sala de exibição do Recife, chamava-se Cosmorama, instalada na Rua da Imperatriz, fundada no início do século. Posteriormente, temos o Teatrosκόpio na rua Dr. Rosa e Silva, nº 61 (antiga Imperatriz), a Companhia de Arte e o Bioscope Inglês. Sobre estas primeiras atividades cinematográficas em Pernambuco encontramos este anúncio de 1903 no Diário de Pernambuco.

Anúncio do Theatrosκόpio – Funcionará depois do Carnaval. Vistas animadas e fixas. Espetáculo variado. Recomenda as Exmas. famílias. Com Santos Dumont e seu dirigível, a saída do prêmio Deutsch, Quo Vadis (cenas tiradas do romance do célebre escritor Henrique Sienkiwicz), A paixão de Cristo (11 cenas tiradas dos quadros dos mais célebres pintores) e muitas outras vistas recebendo novidades por todos os vapores.¹

O Recife da década de 1920 ficou conhecido nacionalmente como a “Hollywood do Brasil” o cinema torna-se a coqueluche. Mesmo com as produções vindas de toda a Europa e de Hollywood, dos belos cartazes e da divulgação dos filmes estrangeiros, os filmes locais conseguem fazer sucesso nas salas de cinema, especificamente no Royal. Sendo boa parte da arrecadação conseguida com as famosas estreias, o capital necessário para a produção de outros filmes locais. Fica evidente a importância do cinema na capital do estado, sendo os filmes produzidos no Recife bem como o comércio cinematográfico que lá se desenvolveu, de grande relevância para que a prática do cinema se espalhe pelo interior do estado.

¹ Diário de Pernambuco, Recife, 08 de Fevereiro de 1903.

O CINEMA CHEGOU À CIDADE: DAS PROJEÇÕES MUDAS AO CINE BANDEIRANTE

As mais antigas referências sobre o cinema em Santa Cruz do Capibaribe datam de 1928. Segundo relatos o primeiro cinema da cidade chamava-se, cine Santa Cruz e pertencia a Luis Alves da Silva, empresário e agropecuarista que contribuiu muito no processo de modernização local, trazendo para a então vila a energia elétrica em 1923, e com ela dois dos maiores símbolos da modernidade, o cinema e o rádio.

O pequeno cinema estava localizado na atual Avenida Padre Zuzinha, próxima à sede da Sociedade Musical Novo Século. Era ainda bastante precário se comparado aos luxuosos e modernos cinemas da capital de Pernambuco, Recife, pois a vila ainda era predominantemente agrária, não havendo obviamente a possibilidade de existir nela um cinema como o das grandes cidades. As projeções eram mudas, pois ainda não havia chegado a Santa Cruz as películas faladas ou cantantes. Sobre o funcionamento do cinema mudo o senhor José Balbino Filho, mais conhecido como Zé de Zuza Balbino, que viu o primeiro cinema chegar em Santa Cruz, explica:

O som era uma orquestra, olhe como era o tempo, como era atrasado, mas naquele tempo era uma novidade. O cinema era mudo, nas cidades grandes, nas capitais, nas cidades, era no piano né? Na hora da projeção aí começava a tocar, tocava uma valsa né, agora aqui em Santa Cruz era uma orquestra de quatro pessoas, era meu pai, Zuza Balbino, Pedro Aragão, Abílio Balbino que era irmão de papai e na trompa era Nanan que chamava Nanam, Clóvis! Clóvis Assis Aragão chamava Nanan. Ai saia quatro músicos da sede tocando até no cinema, ia tocando uma valsa né o povo achava, olhava... E aquilo era como uma propaganda pra chamar o povo e dizer que ia haver projeção, bem, e quando chegava lá eles entravam aí vendia e recebia o ingresso depois trancava as portas e ai começava a projeção e eles tocando aquelas valsas.²

O depoente tem sua história de vida marcada pelo cinema, além de ser filho do Senhor Zuza Balbino, um dos músicos a tocar na orquestra que acompanhava as primeiras projeções, Seu Zé de Zuza, que tem atualmente 84 anos, trabalhou em quase todos os cinemas existentes em Santa Cruz do Capibaribe. Foi vendedor de ingressos e programador dos filmes, além de ser o responsável em ir às companhias

² Entrevista realizada com o senhor José Balbino Filho no dia 07/10/2010

cinematográficas no Recife buscar e levar as películas. Desenvolveu também atividades relacionadas à música, seguindo a tradição de seu pai, tocou durante algum tempo na sociedade Musical Novo século. Atualmente é aposentado.

Nesse excerto do depoimento podemos perceber que o cine Santa Cruz tinha uma estrutura ainda bastante arcaica. A sala de projeção era pequena, os assentos eram cadeiras e bancos improvisados, só depois foram substituídas por bancos de madeira mais resistentes. A tela ficava logo na entrada, assim as pessoas tinham que virar-se para assistir aos filmes, que variavam de temas, iam desde as famosas vistas naturais, festas até os famosos melodramas mudos.

As projeções eram acompanhadas pela orquestra, que fazia pausas de acordo com o intervalo das “partes” do filme. As pausas, aliás, eram freqüentes, pois as películas quebravam-se com facilidade e o material usado para fazer as “fitas”, conhecido como celulóide era uma substância altamente inflamável, que poderia pegar fogo se entrasse em contato, por um curto espaço de tempo, com o forte foco do projetor. Portanto, as famosas “partes” do filme eram também uma medida preventiva dos exibidores para não por em risco tanto quem assistia à projeção quanto suas próprias películas. O responsável pelas exhibições, ou seja, o primeiro operador de Santa Cruz chamava-se Manoel Terino Rufino, como enfatiza o Sr. Zé de Zuza. Nesse período, o hábito de ir ao cinema não era ainda uma prática comum na então vila, a novidade era ainda “um acontecimento” tanto para as pessoas que viviam na vila de Santa Cruz como para aquelas que vinham de sítios próximos fazer negócios nas feiras de troca, já movimentadas, na época. Santa Cruz era um vilarejo pobre, onde muitos não tinham dinheiro nem para o próprio sustento, assim os gastos com formas de divertimento e lazer tais como o cinema, eram feitos apenas por aqueles mais abastados.

Joffre Dumazedier (1999) caracteriza o lazer enquanto *ocupações em que o individuo se entrega de livre vontade – para fins de repouso, diversão, recreação ou entretenimento – após livrar-se de suas obrigações profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas*. Dessa forma, a freqüência ao cinema está ligada à sociabilidade, na medida em que essa se constitui enquanto uma espécie de acontecimento da vida pública. Entretanto, essa sociabilidade não era permitida a todos, pois a grande maioria da população não detinha *capital excedente* para empregá-lo em

fins de repouso. Nesse período ao qual nos reportamos, o cinema estava essencialmente ligado ao luxo. Ir ao cinema, significava ter dinheiro e disponibilidade de tempo. O cinema se populariza, atrai as massas e, sobretudo a juventude que toma conta das salas de projeção e aos poucos vai modificando os usos e as práticas desencadeadas neste espaço de sociabilidade urbano. Frequentar um cinema significava também respirar o mesmo ar de glamour e sofisticação que as atrizes exalavam, modificar as visões acerca do cotidiano em prol das “modas” que o cinema ditava. Sobre este aspecto, Sevcenko (1998) afirma:

Ir ao cinema pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social. E se cinema era Hollywood, Hollywood eram os astros e estrelas, que era preciso conhecer intimamente na sua filmografia completa e nos detalhes da vida pessoal, amplamente divulgados pelos estúdios por meio de revistas especializadas. (SEVCENKO,1998, p. 599)

Após a morte de Luís Alves em 1950, o cine Santa Cruz ficou na posse de seu filho Mário Limeira Alves, este jornalista, poeta e professor, viveu no Rio de Janeiro e em Brasília, onde trabalhou como funcionário do Ministério de Educação e Saúde, foi casado com uma espanhola, Dona Aurora, famosa na cidade por suas andanças em Santiago de Compostela, na Espanha, em sua homenagem trocou o nome do cinema fundado por seu pai, para Cine Compostelano. Quando ainda vivia em Santa Cruz, costumava ficar na porta do cinema tecendo críticas aos filmes, promovia as famosas sessões de “boa vontade”, onde o pagamento do ingresso era facultativo com o intuito de habituar os santa-cruzenses a frequentar o cinema.

Nesta década, 1950, além das produções estrangeiras, registra-se também no Brasil um grande número de filmes nacionais, o comércio cinematográfico em todo o Brasil encontra-se estabelecido. Estamos falando da época das famosas chanchadas³ de *Mesquitinha*, *Oscarito*, *Grande Otelo*, *Derci Gonçalves* e etc. Como observa Gomes (1996): O resultado mais evidente dessa almejada confluência de interesses industriais e comerciais foi a solidificação da chanchada e sua proliferação durante mais de quinze

³ Em arte é o espetáculo ou filme em que predomina um humor ingênuo, burlesco, de caráter popular. As chanchadas foram comuns no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960. A produtora carioca Atlântida descobriu nos filmes carnavalescos um grande negócio, capaz de fazer muito sucesso entre o público brasileiro. Sem dúvida, ela foi a grande responsável pelo sucesso das chanchadas e a pioneira em adotar os temas carnavalescos em forma de musicais.

anos. A bilheteria era sempre rentável quando exibia-se um filme que o público mais popular gostava. Jean Claude Bernardet (1985) explica porque:

[...] quando se faz um filme com Vicente Celestino (O ébrio, 1946) ou com Roberto Carlos, quando se lança Alô, alô, carnaval (1936) "com todos os ases do rádio", quando se convida Emilinha Borba e um sem-fim de cantores para as chanchadas dos anos 50, granjeia-se para o cinema a fama desses artistas na música, no rádio, ou na TV com Glória Menezes ou Tarcísio Meira. (BERNARDET, 1985 p.39)

O rádio, em meados de 1950 era um importante veículo de comunicação, propaganda e formador de opinião pública, encontrava-se em quase todos os lares, ocupando o seu lugar de destaque nas salas das residências. Além disso, caracterizava-se como uma mídia capaz de criar mitos nacionais tanto no que se refere à música quanto às famosas Radionovelas. Os produtores das chanchadas souberam aproveitar-se das ondas sonoras do Rádio, para cristalizar também imagens.

Além de Mário Limeira Alves, o cine Santa Cruz, de acordo com o depoimento do Senhor Zé de Zuza, teve sucessivos donos, tendo sido alugado a vários exibidores, tais como: Zé Mota, Álvaro Damascena e Antônio Papagaio que exerciam a atividade de exibição por curtos espaços de tempo.

Com Djair Barbosa, o cinema teve seu período mais longo com um único exibidor que vai de 1963 a 1966. Deixa, como era conhecido na cidade, trocou também o nome do cine Santa Cruz, para cine Capibaribe. Porém, poucas e vagas são as informações e depoimentos sobre este cinema. O Capibaribe fechou quando o Cine Bandeirante foi inaugurado em 1966. O senhor Djair Barbosa era cunhado de Joel Moraes, o então proprietário do Cine Bandeirante e foi convidado por este a trabalhar como operador no seu novo empreendimento. Além do mais, o Cine Capibaribe não tinha estrutura física para continuar existindo frente à magnificência que era o moderno Cine Bandeirante.

ENTRE FLERTES E PASSEIOS: MEMÓRIAS DO CINE BANDEIRANTE

Existiu um período na história de Santa Cruz do Capibaribe em que os jovens das mais variadas classes sociais tinham seu lugar de encontro. O cine Bandeirante foi o espaço mais desejado entre os jovens, era ali que tudo acontecia desde as mais bobas

brincadeiras de crianças até paqueras que acabavam desencadeando romances, paixões, amores. Sua calçada era o espaço de passeio predileto entre os jovens, lugar ideal tanto para quem queria se mostrar, desfilando seus trajes da moda, tanto para quem pretendia ser visto por um alguém especial.

O cinema é então transformado neste *não-lugar*, descrito na obra de Certeau (2008), é a maneira encontrada pelas moças e rapazes para burlar a autoridade da família que previa relações afetivas, dotadas de continência e renuncia aos apelos do desejo afetivo-sexual. O cine Bandeirante, segundo as memórias que dele falam, foi o lugar na Santa Cruz pacata e comedida das décadas que nos remetemos, onde o amor pôde existir, ainda que de forma forjada, escondida da visão do outro. Afinal, *o poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como “último recurso.”* A astúcia é senão a arte do *fraco* de tirar proveito da situação estratégica. Entendemos aqui, os jovens, como sendo os *fracos*, pois encontram-se numa situação em que para viver seu cotidiano, experimentar o amor, ou mesmo apenas desfrutar da sociabilidade em um grupo que a freqüência ao cinema propiciava, precisam criar mecanismos de *anti-disciplina*, escapando da autoridade imposta.

Nos anos 1960 e 1970 os cinemas populares, constituíram-se num dos principais espaços para a sociabilidade local, os filmes eram a “vitrine” das novidades para a população jovem de Santa Cruz, influenciando profundamente seu comportamento, através de roupas, penteados, gírias, e etc. Nas entrevistas, constatou-se a preocupação que os freqüentadores tinham em usar uma roupa apresentável, que estava “na moda”, para ir às sessões. Conforme relembra Gorete Morais :

[...] A moda agora era um cavalo de aço, era um sapato da moda, quem não tivesse um cavalo de aço não era da moda ! tinha gente que só tinha o que comer mas tinha um cavalo de aço pra calçar no domingo pra ir pro cinema . Depois da missa, porque todo mundo ia pra missa naquela época. Ia pra missa, saia da missa e vinha arrodar o banco e depois entrava no cinema.⁴

O ato de ir ao cinema é percebido como um hábito quase religioso no cotidiano dos jovens de Santa Cruz. Sobre a influência em mudanças de costumes e

⁴ Entrevista realizada com a senhora Maria Gorete de Morais Pereira no dia 21/10/2010

comportamentos, retiramos do trecho a conclusão de que o cine Bandeirante, assim como os cinemas existentes nas décadas em questão, pode ser entendido como um espaço para “ver e ser visto”, ou seja, locais em que o status social era constantemente enfatizado, as pessoas, zelavam pela aparência, pelo consumo dos artigos eleitos pelas obras fílmicas.

Em algumas partes do seu depoimento a entrevistada cita a calçada do banco como o lugar onde as pessoas passeavam antes de entrar no cinema. Ela se refere, na verdade, a uma agência do Banco do Brasil construída em meados de 1970, notemos no trecho abaixo, também extraído das falas de Gorete Moraes, como este espaço projetado e construído para uma finalidade específica, ganha novos *usos* pelos frequentadores do cinema *“Construíram o Banco do Brasil, ai tinha essas coisinhas que chamava as “casinhas de pombo”, pronto, todo mundo ia namorar na casinha de pombo, pra depois ir pro cinema, arrumava o namoro, entendeu?”*⁵

O termo “casinhas de pombo” foi usado frequentemente, em todos os depoimentos recolhidos. Na verdade, se trata de colunas posicionadas em intervalos regulares, parte da estrutura da agência, onde se formam espécies de nichos que eram utilizados como esconderijos para encontros amorosos. Os jovens preferiam marcar os encontros amorosos ainda na calçada, e o cinema servia para consolidar a paquera, pois oferecia as condições ideais para um encontro as escuras. Naquela época a rigidez no ambiente familiar marcava a forma de conduzir a educação dos filhos. Na sociedade patriarcal e moralista dos anos 60 e 70 os namoros só eram permitidos se bem vigiados pelos pais. Sendo atos afetivos como beijos ou abraços, impensáveis nas relações de namoro ou noivado. O espaço do cinema adquire outros usos, ultrapassa os limites afixados, determinados, instituídos.

O cine Bandeirante, mesmo não sendo um espaço legítimo ao nascimento e manutenção de “namoricos” foi eleito o lugar onde a subversão do espaço com uso instituído era possível de ocorrer, sob efeito da ocasião.

O cinema servia para assistir filme e namorar. Os namoros eram na paredinha do cinema, (risos) a famosa paredinha! Tinha a entrada do cinema ai tinha os degraus subindo(...)Na parte de cima ficavam os namoros escondidos, quando os pais não queriam e tal , subiam e iam

⁵ Entrevista realizada com a senhora Maria Gorete de Moraes Pereira no dia 21/10/2010

namorar lá em cima , porque quando os pais chegavam que iam procurar embaixo alguém subia avisando lá em cima e a pessoa corria.⁶

A “paredinha” era uma parte mais oculta da visão pública do cinema, portanto perfeita para quem não queria ser visto com seu namorado ou namorada. Ficava entre os degraus usados para subir até o local de onde se viam as projeções, um piso mais alto, onde ficavam as cadeiras, e a própria parte das cadeiras, uma divisão entre a entrada e a parte onde “quase todos” sentavam para assistir o filme. Este termo é comum em todos os depoimentos fazendo-nos crer que constituiu um lugar do cinema próprio às práticas citadas pelas depoentes.

Ainda na fala de Gorete Moraes, percebe-se, quando esta relembra uma brincadeira comum entre crianças travessas que freqüentavam o cinema, a preocupação de Joel Moraes, seu pai, e dono do cinema, com a “honra” das moças que insistiam em usar o lugar para “namoricos”:

E tinha uns meninos muito ruins que iam pro cabaré de Maúda, roubava as calcinhas penduradas no varal e vinham pro cinema, vê, eles roubavam as calcinhas do cabaré! Porque naquela época todo mundo tinha as calça “normal”, agora as putas tinham as calcinhas menor, aí eles roubavam do varal, vinha pro cinema aí quando chegava e via um casal namorando bem muito na paredinha, aí eles jogavam uma calcinha nos pés, que era pra quando viesse, porque papai era assim, ele não podia ver ninguém se agarrando não que ele botava uma pilha em cima, era! Eu já levei muita pilhada[...] Ai, eles jogavam as calcinhas aí quando, papai olhava aí pronto, fulana se perdeu! porque a calcinha tava ali! (risos)⁷

Joel Moraes se sentia de certa forma responsável pelos freqüentadores do cinema, pois Santa Cruz naquela época era um lugar pequeno, onde todos se conheciam e as notícias espalhavam-se rapidamente. Muitas vezes o pai de Gorete, expulsara casais que “desrespeitavam” o lugar, porém, estes voltavam logo a freqüentar o cinema pois não tinham outra opção de lazer, que estivesse livre dos olhos moralistas da sociedade.

O centro econômico e social de Santa Cruz estava ali, nos arredores do cinema, existiam bares, sorveterias, restaurantes, localizados na praça da bandeira. Uma curiosa

⁶ Entrevista realizada com a senhora Maria Gorete Aragão de Lira Nascimento no dia 10/10/2010

⁷ Entrevista realizada com a senhora Maria Gorete de Moraes Pereira no dia 21/10/2010

construção: A MUSA, loja que vendia discos, chamava atenção de todos, figurava como lugar comum, encontro dos jovens que por ali circulavam. De acordo com o depoimento poético e apaixonado de Edson Tavares, podemos notar que as lembranças acerca daquele espaço da cidade evocam a nostalgia de muitos adultos que foram jovens ou crianças naquele período.

Não sei quando foi inaugurado. Quando comecei a me entender por gente, o "cinema de Joel" já era o point da juventude santacruzense, nos anos 70. Com a construção do Banco e o calçamento, a calçada que circunda a instituição financeira passou a ser o passeio das jovens e dos jovens a se paquerarem. Circulavam o banco várias e várias vezes. Quando "descolavam", sentavam em uns detalhes do prédio, a que chamávamos de "casinha de pombo" e era aquela maravilha, tudo ao som das músicas da época (Jovem Guarda), que tocavam nos auto-falantes do cinema, e que eram ouvidas por toda a redondeza.(...) Fui muitas vezes, levado por meu pai, ao cinema, onde ele sempre comprava balas de amendoim e mel de abelha - até hoje, quando chupo uma dessas balas, é como se estivesse no cine Bandeirante.⁸

O texto em tom nostálgico de Edson Tavares, resume o sentimento dessa juventude, embalada pelas músicas românticas da Jovem Guarda, pelos passeios despreocupados nas calçadas da agência bancária citada e do cinema. O Bandeirante, pode ser evocado atualmente na memória de adultos na faixa etária de 40 a 60 anos, de forma saudosista, como uma lembrança de vida diretamente ligada a afetividade.

Na medida em que avançava a década de 1980, o movimento nos cinemas populares em todo o Brasil foi diminuindo. Algumas causas que explicam essa decadência se dá pelo surgimento e maior difusão de tecnologias de mídia e entretenimento que foram popularizando-se e alterando as formas de lazer das pessoas; a televisão nos anos 1970, os vídeos-cassetes na década de 1980, os computadores, a internet, nos anos 1990. Todas essas mudanças refletiram em alterações nas relações sociais e nas formas de manifestação do lazer e da sociabilidade nas cidades.

Sobre a extinção do cine Bandeirante, Mario Neves explica que à medida que o público ia diminuindo, as baixas bilheteria não eram suficientes para manter o cinema e o aluguel dos filmes, conseqüentemente, a qualidade dos filmes caía. Segundo relatos,

⁸ Edson Tavares é professor universitário, natural de Recife, mas morou boa parte de sua infância e juventude em Santa Cruz do Capibaribe, atualmente afastado da cidade, criou uma comunidade no site de relacionamentos, Orkut, intitulada 'Santa Cruz de Ontem'. Com o consentimento do depoente extraímos este texto escrito em 31/12/06 no site.

os últimos “suspiros” do Bandeirante foram acompanhados de exposições quase vazias, e projeções de filmes de Artes marciais ou pornográficos, películas baratas que não agradavam muito o seu público de outrora. Nesse trecho de uma reportagem do Jornal Capibaribe, periódico elaborado por Edson Tavares, Amilton França e Israel Carvalho, publicada em março de 1984, observa-se o tom de indignação e inconformismo dos responsáveis pelo jornal. Pela matéria de título: *Santa Cruz, uma cidade sem um cinema*, lê-se:

Quando o proprietário do cinema Bandeirante, o Sr. Joel Moraes, anunciou o desaparecimento do cinema de nossa cidade ninguém imaginou a falta que ele nos faria. Hoje nos encontramos com menos uma entidade cultural, ou seja, que transmita cultura a um povo carente da mesma, e se você quiser assistir um bom filme terá de se deslocar as cidades circunvizinhas, pois em Santa Cruz a pedida é sulanca e bar.(...).Atualmente Mário da Silva Neves, um santacruzense que tem um pouco de amor por sua terra, está exibindo bons filmes no palhoção do Ypiranga, a que podemos chamar de cinema improvisado.⁹

Tentando reverter esta situação, em 1984 Mário Neves resolve montar o Cine Santa Cruz, que posteriormente passará a se chamar Marisa Neves. Inicialmente, como o Marisa Neves era ainda uma novidade, “Báu” (apelido do sr. Mário Neves), consegue exibir bons filmes porém, o sucesso dura apenas um ano. Em 1985, devido ao fortalecimento do poder aquisitivo dos moradores da cidade o cine Marisa Neves começa a perder público. Com o advento da feira da Sulanca e seu auge em 1970 quase todos os habitantes que buscavam o lazer fílmico poderiam aderir a uma TV e um e vídeo-cassete sem tantas dificuldades.

Nesse sentido, entendemos que o cinema representava naquela cidade do passado um lugar onde a sociabilidade efetivamente acontecia. Dessa maneira, observamos que há uma substituição dos espaços de uma sociabilidade intensa, tais como foram os cinemas populares de outrora, por espaços de consumo, onde as pessoas buscam a *ação* e não a *interação*. Os shoppings, espaços atuais de sociabilidade por excelência, exemplificam bem o que Bauman elucidava, neles:

⁹ Jornal Capibaribe. Março de 1984, ANO I. Nº7. Arquivo pessoal de Ernesto Maia, digitalizado pelo autor do blog e disponível em: <<http://blogdoernestomaia.blogspot.com/>> acessado no dia 13 out. 2010

A tarefa é o consumo, e o consumo é um passatempo absoluta e exclusivamente *individual*, uma série de sensações que só podem ser experimentadas – vividas – subjetivamente.(...) Por mais cheios que possam estar, os lugares de consumo coletivo não tem nada de “coletivo.” (BAUMAN, 2001, p.114)

Nos cinemas populares, de Santa Cruz do Capibaribe, mais especificamente no Cine Bandeirante, percebemos que as pessoas que os freqüentavam o faziam com uma intencionalidade, pautada em ver, encontrar, interagir com o outro. O lazer, a diversão e a satisfação pessoal estavam principalmente nesta interação com o outro. Observemos também que a freqüência ao cinema tinha a finalidade específica do divertimento, e não da ação de fazer ou comprar algo. Maria Gorete nos fala: “*Na adolescência da gente, quando ainda era adolescente, já existia o cinema então a única forma da gente se divertir era o cinema, assim um baile quando tinha era de dois em dois meses.*”¹⁰ Além de enfatizar o cinema como lugar de pura diversão, a depoente se coloca sempre no plural “da gente”. Confirmando assim a ideia exposta anteriormente ligada à coletividade e não à individualidade.

Essa tendência mundial de privatização do cotidiano, influenciou a baixa freqüência de locais públicos nas cidades em geral, mas principalmente nas grandes cidades e nas cidades em crescimento, tais como Santa Cruz na década de 1980 e 1990, época em que se observa a decadência dos cinemas. Os problemas decorrentes deste crescimento desenfreado, provocou obviamente, mais violência, trânsito caótico, e as regiões centrais da cidade tornaram-se de certa forma obsoletas, servindo bem mais ao comércio e não às práticas de lazer ou moradia. A lógica de mercado capitalista se impôs aos chamados cinemas populares. A introdução dos chamados cinemas *multiplex*, nos *shoppings centers*, propiciam a este “consumidor”, e não mais “expectador”, inúmeras comodidades, tais como: ar condicionado, estacionamento, cadeiras confortáveis, e logicamente, a possibilidade de consumir, pois encontra-se o cinema num lugar que não é nada mais do que um conglomerado de lojas.

A intenção do ato de ir ao cinema mudou, porém os cinemas ainda representam importantes opções de lazer e espaços de sociabilidade. O lazer e a sociabilidade tiveram - e ainda tem- no cinema, um grande “palco” para sua manifestação. Os

¹⁰ Entrevista realizada com a senhora Maria Gorete Aragão de Lira Nascimento no dia 10/10/2010

discursos dos depoentes preenchidos de saudosismo, expressam na verdade símbolos de valor inerentes a um período existente nas suas memórias, onde o cinema, tinha a finalidade de integrar pessoas, divertir, fazer sonhar. Não se trata de nostalgia, mas de entender que os cinemas populares de Santa Cruz, mais do que meras formas de entretenimento, foram personagens importantes para a estrutura urbana da cidade e para as relações sociais e culturais de seus habitantes.

FONTES ORAIS

FILHO, J. B. **José Balbino Filho:** depoimento [Out. 2010]. Entrevistadora: Flávia Danielly de Siqueira Silva.

NASCIMENTO, M. G. A. L. **Maria Gorete Aragão de Lira Nascimento:** depoimento [Out. 2010]. Entrevistadora: Flávia Danielly de Siqueira Silva.

NEVES, M. N. **Mário da Silva Neves:** depoimento [Out. 2010]. Entrevistadora: Flávia Danielly de Siqueira Silva.

PEREIRA, M. G. P. **Maria Gorete de Moraes Pereira:** depoimento [Out. 2010]. Entrevistadora: Flávia Danielly de Siqueira Silva.

Periódicos

Jornal Capibaribe- Edição de março de 1984, disponível em: <<http://blogdoernestomaia.blogspot.com/>> acesso no dia 13 out. 2011.

Diário de Pernambuco, 08 de Fevereiro de 1903.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: A aventura da modernidade*. [Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Loriatti] São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDET, Jean Claude. *O que é Cinema*, 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Brasil em Tempo de Cinema: Ensaio sobre o Cinema Brasileiro*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BEZERRA, Bruno. *Caminhos do Desenvolvimento: Uma História de sucesso e empreendedorismo em Santa Cruz do Capibaribe*. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia Empírica do Lazer*. São Paulo: Perspectiva, SESC: 1999.

GOMES, Paulo Emilio Salles. *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. [Tradução de Beatriz Sidou] São Paulo: Centauro, 2006.

LISBOA, Lindolfo Pereira de. *Raimundo Aragão: Sua vida, suas obras*. Brasília, Mirian Regina, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luís Felipe de. *Enciclopédia do cinema Brasileiro*. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *(des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. São Paulo: USP, 1992.

SEVCENKO, Nicolau: República: da Belle Époque à era do Rádio. In. *História da vida privada no Brasil*: vol.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, Avanízia, CARVALHO, Israel e OLIVEIRA Lúcia. *Sulanca, "um pólo de alta tecnologia em confecções": Aspectos históricos, econômicos e sócio-culturais*. Caruaru. Ed. Art'Berg, 1996.

TURNER, Graeme: *Cinema como Prática Social*. [Tradução Mauro Silva] São Paulo : Summus, 1997.